

GT58: Pandemia silenciosa: o impacto do novo coronavírus na saúde mental em tempos de pandemia e pós-pandemia de Covid-19

Érica Quinaglia, Sônia W. Maluf

Este GT visa a reunir pesquisas que abordem práticas, políticas e discursos no campo da saúde mental nos contextos de enfrentamento à pandemia de Covid-19 e de pós-pandemia. Apresentada como uma outra pandemia, subjacente e paralela à de Covid, as questões de saúde mental têm aparecido como problemas emergentes nas políticas de saúde no país e em nível global. Torna-se premente a compreensão antropológica dos impactos específicos que esses contextos trouxeram para a saúde mental; a análise sobre o quanto a saúde mental se torna uma linguagem e um modelo explicativo para questões mais amplas de sofrimento social; o escrutínio sobre quais são os caminhos futuros para políticas de saúde mental e para a emergência de novas práticas, experiências e saberes sobre esse tema. A proposta comporta, de um lado, práticas e saberes locais, tradicionais e/ou dissidentes de sujeitos e coletividades em relação a saúde/adoecimento/sofrimento mental; e, de outro, políticas públicas, serviços e ações do Estado nesse campo, envolvendo redes de atendimento, dispositivos epidemiológicos, políticas e biopolíticas pretensamente universais e seus modos desiguais de distribuição de direitos. A intenção é ampliar a compreensão das questões atinentes aos processos de sofrimento, aflição, perturbação e/ou adoecimento, práticas, políticas e discursos a partir de um olhar antropológico sobre esta pandemia silenciosa e sobre o impacto dos contextos de pandemia e pós-pandemia de Covid-19 na saúde mental.

Ser linha de frente: vivências de profissionais da saúde do RN em tempos de pandemia

Autoria:

O trabalho é pautado por um estudo acerca das experimentações de mundo de profissionais da saúde atuantes na linha de frente no enfrentamento à Covid-19 no Rio Grande do Norte. Partindo de uma discussão teórica que se interessa nas temáticas relativas ao pesquisar na pandemia, interseccionalidades, governança, necropolítica e cuidado de si e do outro, ocorre a problematização do que é construir a saúde no Brasil. O presente escrito tem como objetivo central compreender as perspectivas de avaliação dessas/es trabalhadoras/es sobre presenças, vivências e ausências no sistema de saúde brasileiro, como também investigar a possível existência de uma renovação de práticas nesse campo social, sejam elas já em curso ou de elaboração ainda necessária. Nesse sentido, o trabalho contribui com uma apreensão de demandas e necessidades dessa categoria diante de um cenário de transformações sociais, culturais e políticas que expressam desigualdades já em curso no sistema capitalista. Através de uma metodologia quali-quantitativa, expressa em um survey via Google Forms, foram verificadas 48 respostas no intervalo de 2 meses. Como resultados, a pesquisa conta com uma presença massiva de mulheres e de moradores de grandes cidades do estado como parte da amostragem estudada: ambos recortes equivalentes ao percentual de 89,6% cada. Dentre este grupo, 62,5% narraram a existência de uma mudança na relação com o paciente. Ademais, nos depoimentos, apresenta-se a existência de uma pandemia do medo e da construção de uma coletividade entre o grupo da linha de frente, com base na identificação e compartilhamento de afetividades como medo, culpa, ansiedade e estresse. Nesse cenário de análises, é verificada uma potencialização do adoecimento mental dentro do público-alvo. De acordo com este, o futuro da profissão demonstra um cenário de alterações e incertezas.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

